



Nome: _____

Ano: _____

Tempo	Início:	Término:	Total:
	MMXX	Literatura	Fundamental 1



DIMA, O PASSARINHO QUE CRIOU O MUNDO – PARTE 2 DE 3

– O céu é azul! – constatou Dima. – E a Terra – acrescentou ele, dirigindo-se às penas do peito e esfregando nelas o bico, ao mesmo tempo que as contemplava – há de ser de todas as cores que a cor azul poderá iluminar e fazer cantar aos olhos de quem vier habitá-la.

Depois, calou-se.

Contemplou feliz tudo que o rodeava e seguiu caminho.

Quando chegou finalmente ao seu destino, tantos anos de voo, de ventos e de tempestades depois, e pousou com os seus próprios pés e todo o peso do seu pequeno corpo de pássaro naquela gigantesca bola de fogo sem labaredas, sentiu um frio estranho a quase enregelar-lhe os ossos.

Foi uma sensação inquietante, de que Dima não estava à espera: nunca na sua vida de pássaro, tão longa, sentira alguma vez frio ou calor, nunca!

– Será da emoção de ter chegado? – interrogou-se, com um arrepio que lhe fez estremecer quantas penas tinha no corpo.

Mas não, não era emoção aquele frio e aqueles arrepios a sacudir o corpo de Dima. Era, isso sim, alguma coisa que acabava de nascer e veio a se chamar temperatura do ar.

Dima espreguiçou as penas, esticou os pés e pôs-se a saltitar de um lado para o outro, para afugentar um pouco o frio que sentia.

Depois, caminhou pé ante pé, no seu andar de passarinho bailarino, com os olhos sempre muito atentos aos passos que dava e ao sítio onde punha os pés, cujas marcas ficavam impressas numa série de desenhos em baixo-relevo, que nenhum vento apagava.

Muitos passos depois, meses e meses de passos andados e bailados, parou.

Estava terrivelmente cansado e decidiu tirar uma soneca breve, mas reconfortante.

Acordou com uma disposição magnífica, apesar do frio que se lhe entranhava até a alma. Sentia-se com um humor e uma vitalidade formidáveis.

Dima sorriu o seu misterioso sorriso de pássaro, rodopiou, como num passo de dança, sobre o pé esquerdo, voltou a rodopiar, rodopiou uma vez mais – e era uma circunferência perfeita aquilo que seus movimentos e seus rodopios haviam traçado sobre aquela camada de fogo, todo da mesma cor e ainda sem vida.

– Nunca me senti tão leve, tão feliz e tão pássaro – constatou Dima, com toda a naturalidade de um verdadeiro sábio feiticeiro, dono e senhor do fogo que queima e transforma as coisas –, independentemente de toda a responsabilidade que me começa a cair sobre as asas!

Esfregou os olhos com a ponta das asas, pestanejou várias vezes para espantar os restos de sono que ainda o incomodavam com as suas remelas, abriu e bateu as asas como quem se espreguiça e disse:

– Bom dia, Mundo! – saudando, com o pé direito levantado e levemente gesticulante, tudo quanto ainda não existia na criação do Universo.

Desde há muitos, muitos séculos, Dima pensou pela primeira vez em Txikungulo, cujo rastro se perdeu no tempo e nesta história.

E não foi sem espanto que Dima deu por si a lembrar o seu velho e perdido amigo, com uma comovente ternura.

Sentiu uma lágrima a se formar no cantinho do olho, mas conseguiu contê-la a tempo de não desatar num choro desastrado e sem sentido.

– Quando for possível – pensou Dima –, hei de fazer alguma coisa por Txikungulo.

Olhou então para a circunferência que tinha à sua frente, desenhada pelo próprio pé, e afastou-se ligeiramente dela. Estudou o movimento dos ventos que por ali passavam naquele instante, levou uma ponta da asa ao fogo que trazia na cabeça, como que a certificar-se da sua presença, e esperou que os ventos deixassem de soprar com tanta intensidade.

Tinha o fogo na cabeça, não havia dúvida alguma, e era esse o seu grande segredo de pássaro feiticeiro do Mundo!

Colocou-se a uma distância conveniente, de modo a tocar com o bico no centro da circunferência.

Bem medida e confirmada a distância, bateu três vezes com a ponta do bico no centro da circunferência, dando em seguida três voltas em passinhos miúdos, regressando e colocando-se novamente no lugar de onde tinha partido.

Então, levou a ponta das asas à cabeça, pegou no fogo que queima e transforma as coisas e atirou-o com toda a força que tinha para o centro da circunferência, dando três saltinhos rápidos para trás.

O fogo trazido à cabeça por Dima incendiou o fogo frio e sem vida. E uma labareda foi subindo, subindo, subindo, tornando-se cada vez maior e sempre a arder. A arder, como se o fogo nunca mais se extinguísse. Até criar o Sol, quando tocou em outra bola imensa de fogo frio e todo da mesma cor e ainda sem vida, a milhares e milhares de quilômetros de distância dali.

Nascido e criado o Sol, nascia o dia e nascia a noite, nascia a luz e nascia a escuridão, porque todo o restante do Universo – sobretudo planetas, cegos por tanta exuberância de luz, passaram a girar em volta do Sol, uns atrás dos outros e girando cada um sobre si próprio para não haver colisões fatais, nem ser sempre dia nem sempre noite em cada uma das suas faces.

Quanto aos satélites, às estrelas, aos meteoritos e aos cometas, tal como nesse tempo do princípio do Mundo, ainda hoje vivem e se alimentam da luz forte do Sol, do seu calor apaziguante.

No sítio de onde subiu a labareda que foi criar o Sol, apareceu uma pequena cratera com o formato de uma gruta. Dima dirigiu-se imediatamente para lá, descendo os declives aos saltinhos para recuperar o fogo que queima e transforma as coisas e continuar a sua missão de criador do Mundo.

Utilizando a ponta do bico, pegou nesse fogo pela base e colocou-o no recanto mais fundo da pequena gruta.

Depois de aquecer um pouco os pezinhos, Dima recomeçou o seu trabalho de feiticeiro do Mundo.

Passou uma asa e depois a outra pela crista de labaredas do seu fogo, como quem faz uma carícia. Esgaravato de leve o fundo da gruta, aproximou o bico da base do fogo, revolvendo-o até obter uma pequenina brasa, que separou com a unha.

Pegou então nessa pequenina brasa, suspendeu-se em voo palmo e meio acima da gruta e, passando a brasa de pé em pé, exclamou:

– Terra!

E toda aquela gigantesca bola, que era de fogo frio, ainda sem vida, e todo da mesma cor, foi se transformando em montanhas, pedras e rochas de grandes dimensões e altura, vastas planícies, florestas de todas as cores, capim, flores e arbustos de todos os tamanhos e feitios, desertos carregados de miragens, areias finas e horizontes a perder de vista.

Dima foi assistindo ao nascimento de tudo, sempre a passar a pequenina brasa de um pé para o outro.

Era esse o seu segredo mágico, o seu ritual de feiticeiro do Mundo. Depois, voltou a entrar na gruta, que era agora o umbigo do Mundo e ficava no cimo de uma alta montanha toda coberta de árvores misteriosas, flores e capins de uma majestade sem igual, onde voltou a juntar a brasa ao restante do seu fogo.

Porque à Terra faltava ainda a água, e ao céu, as nuvens, Dima retomou os trabalhos da criação do Mundo como quem brinca só com coisas muito sérias, sempre apoiado aos poderes mágicos daquele fogo pequenino e feiticeiro que era o seu.

Abanou a asa direita, como se fosse um leque, a fim de espevitado um pouco mais o fogo. Na verdade, o próximo passo de mágica a ser dado exigia um esforço de labaredas bem maior.



PROPOSTA:

A leitura está cada vez mais interessante!

Escolha um trecho da leitura para apresentá-la.

Usando somente as cores primárias (o amarelo, o vermelho e o azul) faça o desenho do trecho escolhido.

Lembre-se de que você poderá misturar as cores primárias para obter outras cores!.

Apresente detalhes da cena representada.

Escreva um título e assine o desenho.

Escreva, aqui, uma frase do trecho escolhido.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

